

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de História



**Revolução Haitiana:
Influências da violência escravista e racial nos atos
revolucionários.**

Aluno: Daniel de Oliveira Sampaio
DRE: 111201034

Rio de Janeiro – RJ
2019

Daniel de Oliveira Sampaio

Revolução Haitiana:

Influências da violência escravista e racial nos atos revolucionários.

Monografia de Bacharelado como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Banca examinadora

Orientador

Avaliador(a)

Avaliador (a)

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2019

Dedico este trabalho à minha avó, Maria José Terra Sampaio, falecida em agosto de 2019. Sem seu apoio, o único que tive do início ao fim da graduação, eu jamais poderia realizar meu sonho de cursar História numa universidade pública. Fosse pelo exemplo de vida, ajuda material ou incentivo moral, dela nunca me faltou suporte para seguir em frente. Que Deus a tenha ao seu lado em seu descanso espiritual.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus Orixás e meus guias, por permitir que eu chegasse até aqui e me impulsionassem sempre adiante nessa breve estrada da vida.

À minha mãe, dona Rose de Oliveira, que sempre cuidou de mim estando perto ou longe. Fosse espiritualmente ou fisicamente, jamais me deixou desamparado na necessidade.

Ao professor Fernando Castro, que além de ser um dos melhores educadores que conheci durante o curso, me guiou nos momentos de confusão e desconhecimento.

Aos meus melhores e mais antigos amigos, Igor Cutrim e Ryon Souza, com quem compartilhei momentos bons e ruins a longos anos, me dando força para seguir em frente. Não há palavras para descrever o quanto agradeço a existência de ambos.

Aos meus companheiros de turma Luciano Lima, Elvis Batista, Tony Espósito e Pedro Vítor. Sem eles os dias dentro da instituição seriam mais cinzas, difíceis e muito menos divertidos. A distância e o tempo nunca poderão apagar o amor que sinto por todos.

Às minhas companheiras Ana Beatriz, Maria Leão e Juliana Sant'Anna, com quem aprendi muito ao longo de todo processo. Entre idas e vindas, estiveram presentes quando precisei de apoio ou ajuda. Todas sempre me serviram de exemplo em diversas coisas.

À dupla Tatiana Soares e Raian Faller, com quem passei noites e mais noites conversando sobre todos os assuntos e todas as questões possíveis. Graças à eles, minha sanidade não sofreu grandes abalos com as tribulações da vida, e tudo se tornou mais fácil.

Aos meus colegas Heitor Gomes da Costa, Matheus Romano e Joey Andrade, três das pessoas mais inteligentes que conheci na vida. A proximidade com eles reacendeu meu amor pelo conhecimento e trouxe de volta a criatividade que achei ter perdido ao longo do caminho até aqui.

Por fim, agradeço às minhas colegas Mariana Teixeira e Natália Brauns, por todas as dicas e ajuda acadêmica. Graças aos conselhos de ambas, o presente trabalho se tornou muito melhor do que eu poderia imaginar.

RESUMO

O trabalho 'Revolução Haitiana: Influências da violência escravista e racial nos atos revolucionários' surgiu como um trabalho para conclusão do curso de bacharel em História pela UFRJ. Tendo como cenário o conturbado período do fim do século XVIII e início do XIX, o texto discorre sobre a violência utilizada nos dias da Revolução Haitiana, em contraste com a violência empregada na escravidão anteriormente. Por que tantos negros e brancos se enfrentaram durante a revolução de forma tão brutal, para muito além da violência empregada nas guerras exclusivamente europeias de seu tempo? O embate racial levou a episódios reais em que qualquer conciliação entre as partes se tornou impossível. Toda a estrutura sociopolítica da colônia francesa de São Domingos é exposta no trabalho, buscando uma justificção para a ação dos grupos envolvidos. Os relatos sobre a violência entre oprimidos e opressores, suas motivações e desdobramentos, permeia todos os capítulos, entre explicações e justificativas. Por fim, tenta-se responder se a violência escravista é a principal causadora da violência revolucionária, guiando os agentes históricos pelos caminhos que foram tomados, e se haviam outras possibilidades diante do cenário existente.

Palavras-Chave: História. Violência. Escravidão. Revolução.

ABSTRACT

The essay "Haitian Revolution: Influences of slave and racial violence on revolutionary acts" came up as a conclusion paper for the bachelor's degree in History at UFRJ. In the context of the troubled period of the late 1700s and the early 1800s, this study elaborates the violence applied on the Haitian Revolution days, in contrast with the violence applied beforehand on slavery. Why so many black and white folks faced each other during the revolution in such a brutal way, far beyond the violence already applied on exclusively European wars of their time? The racial clash has led to actual episodes in which any kind of conciliation between the parts became impossible. All of the French colony St. Domingue's sociopolitical structure is exposed in this study, looking for an explanation for the actions committed by the groups involved. The reports about violence between oppressed and oppressors, their motivations and developments, permeates every chapter, among explanations and justifications. Lastly, with this paper, one tries to respond if the slave violence is the main cause to the revolutionary violence, guiding the historical agents through the paths taken, and if there were other possibilities against the existing background.

Key-Words: History. Violence. Slavery. Revolution.

SUMÁRIO

Introdução.....	09
Capítulo 1.....	11
Capítulo 2.....	23
Capítulo 3.....	35
Conclusão.....	46
Bibliografia.....	49

• INTRODUÇÃO

A Revolução Haitiana é um fato histórico cativante aos olhos de muitos historiadores. Seja por sua singularidade na caminhada ocidental, por seus personagens ou ainda seus desdobramentos. O presente trabalho tem por objetivo compreender determinadas justificativas e contextos do período entre 1791 e 1804 no Haiti. As justificativas se referem aos atos de luta armada, guerra e violência dos agentes históricos. Focando como objetivo inicial compreender a influência da estrutura racista do século XVIII na revolução, tem-se como objetivo final designar a importância desta estrutura nos atos durante os acontecimentos da mesma revolução, como tais fatos se deram e até onde chegaram.

Para explicar como, quando e por que um fenômeno histórico ocorre, é preciso compreender seu contexto. Para compreender por que a sociedade e os agentes individuais agem da forma que agem em seu tempo, é preciso destrinchar a estrutura que os formou. No seguinte trabalho, o colonialismo escravista é despido para que se revele como ele afetou a vida dos chamados homens de cor (negros e mulatos) em Saint-Domingue. Após estar desnuda, busca-se olhar para os atos revolucionários desses homens de cor e pensar se há justificativa sensata para aquilo que fizeram em seus dias.

A primeira parte do estudo compõe um quadro geral teórico. São trazidos à tona conceitos importantes no intuito de defini-los, contextualizando a época e o porquê de se aplicarem aos fatos. Há também a pontuação sobre determinados autores e obras utilizadas para respaldar dados e concepções usadas. Através de tal trabalho podemos então olhar para os fatos materiais, políticos e sociológicos com clareza.

A segunda parte se distancia do modelo do primeiro capítulo. Nela quase não há questões conceituais, há em sua maioria relatos e fatos explicados com o intuito de demonstrar aos leitores a real condição daqueles que viveram com o “estigma da cor” na Idade Moderna. Por meio de citações e referências, o texto se delonga em demonstrar a escravidão e o colonialismo em sua forma mais visceral e bruta. Temos no capítulo dois, portanto, os danos causados aos antepassados dos revolucionários e a eles próprios.

A última parte ressoa com as anteriores como consequência quase lógica. Após se entender os conceitos e vislumbrar a condição de negros e mulatos no mundo ocidental, o terceiro capítulo demonstra as maquinacões políticas e impossibilidades

de coexistência entre grupos raciais distintos. Por meio da contextualização respaldada em fatos historiográficos sobre atuações de instituições e de indivíduos, buscamos entender o ápice da violência revolucionária e contrarrevolucionária que borbulhava na sociedade.

Compreender a origem da violência empregada pelas massas negras haitianas, em contraste com aquilo que as mesmas passaram nos tempos de cativeiro é o foco final da pesquisa, levando-se em consideração óbvia que não é uma influência única, tendo em vista que uma revolução possui muitas facetas. Muito além das motivações externas que advieram do outro lado do Atlântico, os negros em Saint-Domingue tinham suas próprias ânsias e rancores, usadas de motor para impulsionar a própria revolução. Objetivando tais argumentos que entrelaçam uma sociedade racialmente violenta com uma revolução igualmente violenta, a conclusão se constrói de modo quase natural, finalizando assim o texto.

• CAPÍTULO 1

Entre 1791 e 1804 a colônia francesa de Saint-Domingue (São Domingos), localizada na região do Caribe, lutou por sua autonomia da metrópole europeia, e consequente independência ao fim do conflito, dando origem ao atual Estado do Haiti. Mais excepcional ainda fora a luta dos escravizados que viviam na ilha, que inicialmente se engajaram em um conflito brutal por sua liberdade, mas acabaram por realizar um feito singular na história humana: lutaram na única rebelião de escravos triunfante de que se tem notícias.

Apesar de um governo independente ter sido criado no Haiti, a sociedade continuou a ser afetada pelos padrões estabelecidos no período de domínio colonial. Os franceses haviam criado um sistema de governo em Saint-Domingue no qual a minoria dominava, através de violência, mortes e ameaças, a população escrava. Com algo corriqueiro por tanto tempo, era impossível expurgar totalmente a presença da violência e do ódio nos tempos da reconstrução do país, e muito menos durante a revolução em si. Além disso, o futuro da recém-criada nação foi, literalmente, hipotecado aos bancos franceses em 1820, forçando-a a fazer reparações em massa aos proprietários de escravos franceses, a fim de receber o reconhecimento francês e acabar com seu isolamento político e econômico.

Entrelaçando os conceitos, dados e relatos contidos principalmente em duas obras historiográficas sobre o Haiti, “Os Jacobinos Negros” de C.L.R.James e “Avengers of the New World” de Laurent Dubois, o presente trabalho busca demonstrar a forma como a violência fluiu durante os anos citados. Diferentemente de trabalhos que procuram análises de figuras ilustres e infames na história, aqui se pretende demonstrar o fluxo violento da revolução de maneira literal: de onde ela veio, como se instaurou e em que contexto ela desaguou no oceano da História, que a fez chegar até páginas de livros e estudos séculos depois. Sendo duas análises feitas em momentos distintos, divergem em aspectos políticos ou motivacionais da Revolução em alguns pontos. Em acordo, está o fato de que a violência se alastrou até não ser mais possível enxergar seu fim. A questão proposta então surge: seria possível justificar o ódio racial dos negros e mulatos contra os brancos usando como base a estrutura colonial escravista?

Se é de violência e colonialismo que pretendemos falar, suas causas, efeitos e consequências, se torna necessário debruçar sobre os trabalhos pertinentes e

importantíssimos de Hanna Arendt e Frantz Fanon, para que possamos entender filosoficamente o que ocorreu ao fim do século XIX em Saint-Domingue. Ambos os autores trataram em diversos livros sobre Revolução, Violência, Política e Ideologia. Sem tais parâmetros, aliado a outras obras que suportassem uma ideia coesa e lúcida, não seria possível compreender com alguma profundidade o que se seguiu na ilha caribenha. O racismo estrutural que se tornou intrínseco nos colonizadores foi a causa de sua ruína? Por que não houve conciliação entre as raças durante a Revolução Haitiana? Compreendendo a estrutura colonial e como viviam seus contemporâneos é possível chegar a respostas satisfatórias.

Conectando estudos sobre o Haiti e sua história com aquilo que as ciências humanas podem afirmar sobre o uso da violência nas relações humanas, o horizonte de uma justificativa para os acontecimentos revolucionários surge. As massas e a estrutura sociocultural, e não os indivíduos e personalidades, são os objetos de explicação no presente trabalho. Debruçando-se sobre análises e argumentações conflituosas em alguns momentos, Fanon contra Arendt ou Dubois contra James, a busca pelo principal motivo da violência racial perdurar nos dias de revolução se inicia. Bebendo da fonte de historiadores, filósofos e sociólogos experientes, há a possibilidade de enfim se obter respostas aos questionamentos feitos.

O evento histórico que ficou conhecido como Revolução Haitiana fez surgir a primeira república governada por pessoas de ascendência africana (ou africanas de fato) no continente americano. Apesar das centenas de rebeliões ocorridas no Novo Mundo durante os séculos de escravidão, apenas a revolta de Saint-Domingue conseguiu alcançar a independência permanente. A importância dos acontecimentos foram inegáveis; fosse no caráter econômico, pois a colônia era conhecida como “Pérola do Caribe” tamanho eram seus lucros; fosse político devido ao surgimento de uma segunda nação independente no continente, baseado em ideais da própria Revolução Francesa; e até mesmo social, pois pela primeira vez no Ocidente moderno surgia uma nação negra soberana e independente, onde a escravidão foi abolida e todos os homens considerados iguais, sem distinção por sua cor.

Os seus reflexos na História de modo geral são extensos, principalmente no chamado “Mundo Atlântico”, no fim do século XVIII e início do XIX, e compreender as motivações da revolução e dos grupos envolvidos torna-se preponderante para o entendimento das ações de todos os seus atores. Considerada uma Revolução extremamente brutal por muitos até o alvorecer do século XX, a violência é algo que

gera curiosidade por conta da intensidade e frequência com que ocorreu no período revolucionário. O sistema colonial agrário e escravocrata no pré-Revolução, que existia desde o século XVII, encontrou na rica ilha um terreno fértil para todo tipo de prática escravista violenta. Sendo algo que já fazia parte do cotidiano da esmagadora maioria dos habitantes da ilha, a violência já parecia natural aos olhos de todos.

Com a chegada dos conflitos armados, esta violência se direciona para caminhos específicos. Por serem escravos, viverem sob um regime cruel, desumanizador e estarem em maior número, a população cativa de São Domingos então se rebela em profunda e cega cólera. Sua fúria não é vazia, pois desesperados por liberdade, os negros pretendiam abrir o caminho para uma vida melhor de qualquer maneira possível. Os acontecimentos que se desenrolaram possuem características variadas. Há um ódio mútuo entre negros e brancos, cada qual com suas justificativas. Os ex=escravos, ainda que possuíssem divergências internas, seguiriam a liderança de Toussaint L'Ouverture¹, um negro livre de notável capacidade para comandar, tanto em assuntos políticos quanto militares. Mesmo o personagem histórico estando a frente das tropas revolucionárias negras, ficou marcado, dentre muitas coisas, como um indivíduo que repudiava a violência exagerada, coisa que julgava desnecessária na Revolução.

A natureza diplomática do líder revolucionário, entretanto, não era capaz de conter completamente a violência que havia se instaurado, tampouco apagar da memória as violências sofridas no período da escravidão e nos dias iniciais da revolução. Os indivíduos se adaptavam aos acontecimentos no decorrer da Revolução, tanto relativo ao que ocorria na França como na própria São Domingos, mas se fazia “eternamente presente” o espírito e a memória do contexto anterior a

¹ **François-Dominique Toussaint L'Ouverture** (Haiti, 20 de maio de 1743 – França, 8 de abril de 1803): O maior líder da Revolução Haitiana e, em seguida, governador de Saint Domingue. L'Ouverture é dito como o maior revolucionário negro das Américas, e maior comandante militar após Napoleão Bonaparte em sua era. Possuía certo nível de instrução por ser autodidata. Visto como honrado e dono de uma personalidade tenaz e penetrante. Chegou a comandar quase meio milhão de homens na Revolução. Morreu de pneumonia em uma cela francesa após ser capturado e enviado à Europa.

tudo aquilo. Diversas coisas jamais seriam as mesmas, e sendo “a violência a parteira da história”, como acreditava Karl Marx², a Revolução Haitiana ganhou vida.

O discurso sobre a própria Revolução possui algumas possibilidades interpretativas, sejam elas “objetivas e sensatas” ou “polêmicas e duvidosas”. O espaço ocupado pela História da Violência na própria História da Revolução Haitiana é, portanto, significativo. O modo como entendemos estes acontecimentos violentos e os justificamos tornam, por consequência, o processo revolucionário mais claro, de modo a condenar ou exaltar os feitos de seus agentes. Sobre tal questão é preciso se debruçar com maior cuidado, visando analisar evidências que esclareçam as ações.

Novamente, os agentes analisados não são, portanto, aqueles que possuem um nome próprio e biografias detalhadas sobre suas vidas e feitos, mas sim as massas revolucionárias heterogêneas, partindo das mazelas sofridas e da situação material do passado até chegar aos atos abruptos e às convulsões sociais da Revolução Haitiana. Demonstrar então o sistema colonial escravista e as relações raciais se torna crucial. Entendendo a violência tanto de maneira sociológica como histórica, este fenômeno histórico se torna um traço cultural haitiano de longa duração. É sensato dizer que apesar de existirem diversos fatores para as agressões da Revolução, dos atos de batalha à desumanização que a guerra causa nos indivíduos e na própria sociedade, o cerne da natureza brutal do conflito repousa em grande parte sobre a estrutura existente em Saint-Domingue previamente. Por meio deste entendimento, o objeto central da pesquisa pode ser contemplado de modo satisfatório.

As massas haitianas não teriam se sublevado meramente pela influência dos acontecimentos europeus, mesmo sua importância sendo notada no quadro geral. Como era a vida e, posteriormente, a luta dos homens de cor que se pretendiam livres da opressão e por que é tido com espanto suas ações contra europeus e colonos brancos? A guerra é por si um ato de crueldade. Não obstante aos lados beligerantes, seus motivos e métodos, a pior face humana emerge em muitos frente ao confronto que se dá. Essa face pode ser delimitada de muitas formas, explicada

² **Karl Marx** (Prússia, 5 de maio de 1818 - Reino Unido, 14 de março de 1883): Filósofo, historiador, sociólogo, jornalista e economista. Publicou vários livros ao longo dos anos, sendo O Manifesto Comunista (1848) e O Capital (1867-1894) os mais difundidos.

e justificada por vários meios. Novamente, as motivações aqui são mais importantes do que a carnificina em si, ainda que ela precise ser exemplificada.

Por fim, se faz preciso pontuar igualmente o que define a violência, o racismo, a revolução e mesmo o colonialismo. A forma como esses conceitos humanos são percebidos na sociedade e como reagimos a eles, em nossa psique social, são um bom ponto de partida. O que é a violência, como ela se expressa, com quais finalidades e, por fim, seu papel no quadro haitiano, que serve de esqueleto para se sustentar uma narrativa sobre a estrutura social analisada e os agentes históricos já muito mencionados. O mesmo pode ser dito sobre o racismo, revolução e colonialismo, que não se separam da violência e, portanto, circundam sua existência.

Antes de nos atentarmos à Revolução Haitiana ou olharmos a sociedade colonial em Saint-Domingue, é necessário entender o que a violência é, como ela age e como ela é percebida pelos seres humanos. Da mesma forma serão analisados outros conceitos e concepções em relação com a violência, de forma simples e genérica, apenas para que seja possível adentrarmos no assunto haitiano com um arcabouço consistente.

Nos tempos contemporâneos, a OMS (Organização Mundial da Saúde) define a violência como “o uso intencional de força física ou poder, como ameaça ou real, contra si mesmo, contra outras pessoas, que resultam ou possam resultar em ferimento, morte, dano psicológico, privação ou subdesenvolvimento”. Para a definição lexical, a violência é a qualidade ou caráter do violento, do que age com força, ímpeto, agressividade. Faz uso da força bruta, do abuso moral e psicológico, da crueldade e perversidade, tirania e opressão. Há também definições mais minuciosas que tratam sobre violência política, moral, sexual e outras.

Os atos acima citados podem ser explicados das mais diversas maneiras. Ao longo da história humana, a violência esteve presente e milhões de interações entre Estados, grupos sociais e culturais, das mais diversas maneiras. Esteve igualmente presente em bilhões de relações humanas desde o surgimento do homo sapiens até o atual segundo em que se lê este parágrafo. Como algo tão, infelizmente, natural e comum nas relações e construções humanas pode ser ignorado diante do contexto histórico estudado? Seria imprudente manter fora de cena este capital histórico desempenhado pela violência, ao mesmo passo em que seria imprudente apenas colocar esse fator no turbilhão de acontecimentos de modo desleixado.

Se esse comportamento humano é natural, construído, espiritual ou genético, diversos trabalhos ao longo dos séculos dão conta de sua natureza, algo ao qual não pode ser resumido neste breve estudo. Dito isto, é possível enumerar ao menos as causas mais comuns em que surgem atos violentos. Há diversas justificativas que se podem atribuir ao comportamento violento em sociedades: a luta por recursos básicos; a inibição de algum grupo social, cultural ou político por parte do Estado; o ódio e vingança contra alguém ou algum grupo; senso de vingança histórica; a promoção da opressão; a tirania política; a desordem e instabilidade institucional e política; a separação em castas antagônicas; a impossibilidade de coesão e aceitação sociocultural. A lista se estende por dezenas de justificativas, que se tornam centenas ou milhares se incluídas justificativas pessoais.

As justificativas que podemos utilizar são então aquelas que se encaixam na realidade social da colônia francesa. Para saber com propriedade, agora se faz necessário entender outros conceitos que possam dar suporte à teoria. Racismo, escravidão, colonialismo e revolução fazem quatro pilares que podem trazer luz às justificativas possíveis, uma vez que têm total conexão com o tema.

O racismo pode ser expresso como o conjunto de teorias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre as raças, etnias e culturas e é, ainda, uma doutrina que justifica uma raça considerada superior dominar outras que são inferiores. Do século XV ao XX, os europeus fundamentaram justificativas de dominação em todo planeta com teorias racistas que propunham uma superioridade europeia branca sob os outros povos, em todos os aspectos. Essa dominação se utilizou de diversas formas de violência para estabelecer um sistema de castas. Devido ao recorte temporal analisado, o racismo e seus mecanismos se faziam presentes no Haiti.

A escravidão, escravagismo, escravismo ou escravatura é a prática social em que seres humanos possuem o direito garantido pelo Estado e pela sociedade de possuir outros seres humanos. A dominação se dá, em maior ou menor intensidade, através da imposição pela força. A posse desta “propriedade” poderia vir como despojos de guerra, dívidas, contratos, dominação sociopolítica ou condição de nascimento, variando de acordo com cada época e sociedade. Na Idade Moderna, o controle desses indivíduos era feito por meio da força bruta, desde sua captura na costa africana até sua morte. Transformados em mercadorias, os negros africanos de diversas etnias levados até as Américas eram rebaixados para um status social em

que não eram mais considerados humanos pelos europeus. A violência aqui se apresenta em cada etapa do processo.

O colonialismo, por sua vez, tem uma definição quase que obrigatoriamente ligada à história da Idade Moderna. Caracteriza-se como a política de exercer o controle militar e administrativo de um território, de modo direto ou representativo, contra a vontade de seus habitantes originalmente instalados no local. Com o manejo arbitrário de terras, taxaço de impostos à gosto da metrópole europeia, limitação política e imposição de normas através da ameaça militar, os Impérios europeus regiam as colônias nas Américas. O Haiti não era diferente. Parecendo complexo expressar onde a violência se esconde neste sistema, é preciso apenas olhar como ele se formou e se sustentava. A encontramos, portanto, desde sua forma mais simplória e pura até seu mecanismo mais refinado.

Por fim, temos a revolução, algo simples de se compreender, mas de difícil aplicação, uma vez que há divergências entre teóricos sobre qual fato histórico se encaixa em revolução e qual fato é apenas produto comum de seu tempo. Revolução se define como a mudança abrupta no poder político e na estrutura de uma sociedade em um espaço reduzido de tempo, e pode ser usada também no campo tecnológico, social e comportamental, econômico ou científico. O que ocorreu em Saint-Domingue em uma década de fato se constitui, por uma infinidade de questões, como uma revolução. Dotada de características comportamentais, sociais, políticas e estruturais, a Revolução Haitiana é, e não poderia deixar de ser, violenta, uma vez que há uma ruptura com tudo que estava previamente estabelecido há alguns séculos. As convulsões sociais e políticas de 1791 a 1804 têm na violência sua arma final, dada a impossibilidade de “consertar” aquilo que se pretende destruir.

A lógica sequencial das definições nos dá, então, um panorama que é de fácil compreensão. A violência está presente na escravidão em sua forma legal com as leis e prática com os castigos. Está presente no colonialismo através da dominação política e social. No racismo ela tem um imperativo psicológico, físico, legal, moral e até mesmo científico para aqueles que o defendem. Da revolução, no âmbito político e social, a violência se torna inseparável por representar a destruição de um sistema por outro. A estrutura Siant-Domingue enquanto sociedade se pautava em três pilares já violentos, bem como os acontecimentos históricos que se sucederiam apenas trariam mais violência para o campo da vida cotidiana.

Já citado anteriormente, a vingança é um dos fatores que podem causar a violência. A necessidade e sobrevivência um outro fator. Ambas se misturam na colônia francesa, onde a maior parte da população sofria nas mãos da minoria. Minoria esta que impunha sua vontade por meio da força e do sistema, respeitando apenas seus interesses (financeiros, políticos ou sociais) e sadismos pessoais. Quais as armas que a maioria então poderia utilizar, em termos filosóficos, uma vez que o diálogo não era um meio possível? A resposta pode ser encontrada na própria história humana. Se o diálogo entre dois ou mais grupos não chegam a um consenso, o uso da força infelizmente surge como dissuasor do litígio.

A discussão então se torna outra a partir deste ponto. É justificável ou não a opção violenta como meio de resolver um conflito? Para além deste ponto, qual a natureza destes atos uma vez que a violência já havia sido pré-estabelecida?

“Existem dois tipos de agressão que são considerados uma reação a outra agressão. Uma é a agressão em legítima defesa ou em defesa de outros indivíduos, significando agressão em defesa da violência dirigida contra um agressor enquanto ele está realizando seu ataque, e que tem a utilidade imediata, se bem sucedida, de abortar o ataque ou fazê-lo menos prejudicial. Outra utilidade da violência defensiva, se puder causar danos ao agressor, é a dissuasão: tais danos desencorajam futuros ataques, do mesmo atacante ou de potenciais atacantes que observam a cena ou recebem informações dela.”³

Mesmo nos tempos contemporâneos, é tido como aceitável o uso da violência como última ferramenta de proteção contra aqueles que se fazem agressores primários. No cotidiano de Saint-Domingue do século XVIII, a violência usada como legítima defesa se encaixaria perfeitamente ao se considerar as condições em que vivia parte da população. Mais adiante, com o caminhar do tempo, as relações e estruturas saem do status quo como veremos, e tem-se início a revolução, em que racismo, colonialismo e escravidão se confrontam com um novo turbilhão de princípios emergentes. No novo ambiente revolucionário, não seria mais o conceito de auto-defesa a se usar, e sim de vingança.

“O segundo tipo é a vingança. Em princípio, a vingança é violência em resposta a uma agressão, mas subsequentemente a ela. Portanto, não pode mais ter a primeira utilidade da violência defensiva, e sua principal utilidade é a dissuasão ou demonstração de poder. Podemos imaginar que

³ AMARO, José L. Cortizo. **Violência Humana: Causas y Justificación** – Autoeditado, 2014 - p.35

a forma mais primitiva de vingança é a dos atacados em relação ao agressor, mas na prática tanto os vingadores quanto os objetivos da vingança podem ser parentes ou amigos do atacado e do agressor, respectivamente (os indivíduos agem como se soubessem que prejudicar parentes ou amigos de um indivíduo é equivalente a prejudicar o indivíduo). Isto foi visto (também) em primatas não humanos.”⁴

Há, portanto, um caráter natural acerca da vingança. Que sua existência seja infeliz em nossa história, podendo gerar ciclos “infindáveis” de violência por vezes, se torna uma ferramenta de justiça se contrapondo às injustiças sofridas por determinados povos nas mãos de outros. A substituição necessária para compreensão é o “indivíduo singular e isolado” pela “representação social daquele indivíduo”. Um negro e um caucasiano representam, em 1791, duas castas sociopolíticas (e até econômicas) específicas e antagônicas. Isso se repete em diversos momentos e lugares no tempo e espaço. Muçulmanos e cristãos na Idade Média do Mediterrâneo. Comunistas e Capitalistas durante a Guerra Fria. Espanhóis e Mexicanos Astecas na conquista do atual México. Gregos e estrangeiros chamados por eles de bárbaros na Idade Antiga.

Cada um desses grupos se tornou opositor ao outro em maior ou menor escala, e o indivíduo singular, ainda que representasse a si mesmo em suas relações, carregava o estigma de “representar” o comportamento daqueles que possuíam traços (físicos, culturais, políticos, etc) semelhantes aos seus. Para o estudo que se segue, um homem negro não é apenas um negro. Uma criança branca de doze anos não é apenas uma criança. Eles são, inevitavelmente aos olhos da realidade posta, parte do sistema. Aqueles que possuem determinadas ideias e princípios, uma vez postos diante dessas pessoas, enxergam algo semelhante ou dissímil de si próprio.

Os pontos que tornam um indivíduo semelhante ou diferente, no contexto das revoluções francófonas, são distintos. Na Europa, sua riqueza, a camada social à qual você pertence e suas ideias. No Haiti, sua cor de pele e traços físicos. Um pensamento dos tempos revolucionários que explicita bem essa questão ecoa despercebida na história, sem que se possa saber seu autor ou quando foi dita, mas que sobreviveu até o presente. “Não podemos aceitar a ideia de que Deus, que é um ser muito sábio, tenha introduzido uma alma, sobretudo uma alma boa, num corpo completamente negro”. Por si só, essa fala nitidamente racista de sua época, exprime tudo aquilo que procurou ser explicado até agora. A citação é clara quando

⁴ AMARO, José L. Cortizo. **Violência Humana: Causas y Justificación** – Autoeditado, 2014 - p.35

diz que ao negro é impossível a condição de ser humano, mesmo que pareça e sinta como um humano.

A convergência de perspectivas conceituais pode ser estruturada da seguinte maneira: o colonialismo e o racismo europeu constroem dois pilares violentos de dominação europeia a partir do século XVI. A escravidão dos ameríndios e africanos começa, então, a preencher um muro entre essas duas pilastras, de forma bruta e mais incisiva do que as pilastras até. O resultado é um muro separando raças distintas (uma vez que não havia a percepção de unidade biológica e existencial da raça humana como temos hoje). Um dos lados do muro é preenchido por horrores como os que veremos a seguir, um lado ruim. Do outro lado não há problemas similares, e são aqueles que estão no lado bom que causam os problemas da sua contraparte. Eventualmente, por questões situacionais, algum indivíduo atravessa para o outro lado do muro, mas não inteiramente. Há ainda aqueles que se veem em cima do muro, pertencentes às duas partes, ainda que constantemente empurrados para o lado ruim. Quando o entendimento daqueles que habitavam o lado ruim foi de que os que estavam no lado bom criaram o muro, e o diálogo não resolveria os problemas existentes, restava a solução de derrubar o muro. O método? Força bruta e violenta.

Nos deparamos com a questão da necessidade, pois é natural a qualquer ser vivo os conceitos básicos de espaço, alimento e reprodução. Os animais são incapazes de verbalizar palavras ou abstrair conceitos, entretanto não se diferem de nós na busca incessante (enquanto espécie) por estas três necessidades básicas. A alegoria criada demonstra que o muro criado impedia que muitos em Saint-Domingue saciassem suas necessidades primordiais. Quando o fator Revolução entra em jogo no campo conceitual, a coesão criada pelo sistema é abalada e começa a ruir. As necessidades afloram o novo conceito inserido. A voz dos homens de cor urge para que seja extinta a pobreza.

“Pobreza é mais do que privação, é um estado de constante carência e aguda miséria, cuja ignomínia consiste em sua força desumanizadora; a pobreza é abjeta, porque submete os homens ao império absoluto de seus corpos, isto é, ao império absoluto da necessidade, como todos os homens a conhecem a partir de sua experiência mais íntima independente de toas as especulações. Foi sob o ditame dessa necessidade que a multidão

acudiu ao apelo da Revolução Francesa, inspirou-a para a frente e, finalmente, levou-a à destruição, pois essa era a multidão dos pobres.”⁵

Se a pobreza de condições pode ser debatida e fundada nestes termos de modo esclarecedor, o que dizer de um sistema intencional de miséria moldado para uma raça inteira? Claramente se torna óbvio aquilo que se passava, em termos conceituais, na vida de milhares de indivíduos que viviam na possessão francesa caribenha.

Tudo que abarca os acontecimentos haitianos, de sua fundação até a proclamação da independência, pode ser colocado dentro de um mesmo contexto temporal onde as raças se diferenciam e se opõem. Hora de modo mais violento e hora de modo mais brando, as ações dos agentes históricos principais da pesquisa (as massas, não os homens) demonstra como os conceitos explanados funcionavam na prática.

Se as justificações do sistema para a violência e escravidão são o colonialismo e o racismo institucional, e para os cativos a vingança e as necessidades humanas básicas, o que permeia as justificativas conceituais das massas brancas da colônia?

“Que uma boa maneira de demonstrar o poder de atacar é atacar significa que toda agressão tem, juntamente com outras utilidades possíveis, o efeito de demonstrar poder, tanto aos agredidos quanto a terceiros. Isso resulta, portanto, em outra motivação quase universal para a violência, como é o caso da utilidade da violência que consiste em causar danos aos concorrentes. Esta utilidade pode ser uma causa importante de sacrifícios humanos, tortura, atos terroristas e guerras e, especialmente, muitas ações de guerra particulares.”⁶

Para além da demonstração de poder, inerente à manutenção do *status quo* em que viviam, a violência possuía um emprego conceitual na escravidão (e dela própria) que pode ser explicado através de situações fora do próprio Haiti.

“Em primeiro lugar, os componentes de um grupo tendem a compartilhar a mesma realidade e, portanto, as mesmas fontes de informação objetiva. Por exemplo, segundo o historiador H. Thomas: ‘A maioria dos brasileiros acreditava [em meados do século XIX] que a escravidão fazia parte da ordem natural, já que, durante trezentos anos, seus ancestrais usaram

⁵ ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**—Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001 p.48

⁶ AMARO, José L. Cortizo. **Violência Humana: Causas y Justificación** – Autoeditado, 2014 - p.94

escravos africanos como trabalhadores; nisso eles concordaram com os donos de escravos do sul dos Estados Unidos’.”⁷

A naturalização da escravidão e do colonialismo por quase três séculos fez com que se tornasse impossível a existência, em condições comuns, de conceitos próximos à igualdade racial na colônia francesa. Ao colono branco, bastavam os conceitos estabelecidos antes de seu nascimento. Poder, controle, privilégios e lucro eram o que importava para a sociedade colonial. O campo conceitual apresenta-se coeso, com cada uma das partes envolvidas convergindo sob um mesmo aspecto, violência como capital institucional.

O que foi gerado a partir dessas perspectivas e princípios mantém reflexos até os dias atuais. Se mesmo na contemporaneidade somos afetados sutilmente por uma estrutura de séculos passados, podemos apenas imaginar e relatar o quão infelizes eram aqueles que a presenciaram. A história nos demonstra o maniqueísmo usado para lidar com as insurreições que dão origem à Revolução Haitiana. Se dentro do campo teleológico existissem margens que proporcionassem um caminho diferente a trilhar, em algum momento os registros históricos dariam conta dele.

Figuras personalistas ainda demandaram por seus interesses e advogaram contra as ânsias populares por vezes. Como homens que traíam ou refreavam as intenções de seus pares, eles se propuseram a novas abordagens, apenas para no fim perceber que a vontade da maioria, e não deles próprios, iriam imperar na revolução. A vontade em questão, tiranamente imposta pela estrutura social, não conhecia outro caminho se não o caminho violento. Para se derrubar um “muro” seria preciso se utilizar da violência em larga escala, como demonstram os fatos históricos.

⁷ AMARO, José L. Cortizo. **Violência Humana: Causas y Justificación** – Autoeditado, 2014 - p.131

• CAPÍTULO 2

No raiar do século XVIII, a França era uma nação governada pelo sistema absolutista, de modo que em nenhum outro lugar da Europa o modelo havia sido implantado de melhor maneira. O que viria a ser conhecido como *Antigo Regime* nos tempos atuais era a única forma política de organização aceita em solo francês. Ao fim do século, contudo, as situações econômica e social já haviam se tornado extremamente instáveis, fazendo com que profundas transformações começassem a ocorrer em diversas esferas da nação.

Após 1784, diversas secas e inundações fizeram com que a produção agrícola fosse muito menor do que a demanda nacional. Os preços dos alimentos subiram e os carregamentos sequer chegavam aonde eram necessários, culpa de um sistema ainda feudal em muitas áreas da França. Aproximadamente 20 milhões dos 26 milhões de franceses ainda viviam no campo, muitos em condição de servidão, algo que já começara a ser abolido em outras partes da Europa. As taxas alfandegárias nos feudos se aliavam aos problemas de plantio e colheita, causando um aumento meteórico no preço dos alimentos no fim do século. Os menos favorecidos, pobres e humildes logo se viram sem o pão para se alimentar. Como se já não bastassem os problemas internos, o apoio militar e econômico francês na Guerra de Independência Americana terminou por exaurir os cofres públicos, situação já agravada depois da perda de colônias na América do Norte na Guerra dos Sete Anos pouco tempo antes. Para equilibrar as contas e repor a riqueza nacional, a coroa francesa opta por elevar os impostos onde fosse possível.

Diante destas intempéries, o Estado buscou saídas para equilibrar a sua situação econômica e, conseqüentemente, a social. Sendo uma sociedade estratificada e hierarquizada, tendo no topo da pirâmide social o clero logo acima da aristocracia nobilitária, a sustentação da nação era mantida por trabalhadores, camponeses e burgueses. O último grupo pagava impostos, ao passo que os dois primeiros viviam de seus privilégios concedidos pela monarquia. O processo socioeconômico deste período é complexo na medida em que muitos acontecimentos se dão em paralelo na linha temporal. As medidas ineficientes do governo francês agravavam a crise ao invés de resolver os problemas da nação. Aqui trataremos da convulsão social que se inicia com a tentativa do rei Luís XVI, aconselhado pelo ministro das finanças

Charles Alexandre Calonne⁸, e posteriormente por Jacques Necker⁹, a cobrar impostos de nobres e clericatos, vendo que não bastava mais apenas subir as taxas já existentes.

É válido e necessário ressaltar que a segunda metade do século XVIII experienciava fortemente o chamado Iluminismo e a Revolução Industrial. O primeiro consistia em ideias avançadas sobre a sociedade e a política, criticando o absolutismo e clamando pelos direitos individuais (de expressão política, religiosos, econômicos, sociais, etc); a segunda dava amostras de um novo modelo de produção econômica, e não diretamente de organização social, ainda que fosse gerar transformações profundas na sociedade. Através de jornais e folhetins da época, era possível ter acesso a ambas as ideias e transformações idealizadas por pensadores e cientistas Europa a fora. Pode-se dizer que a monarquia absolutista francesa e sua corte, naquele momento, não estavam preparadas para enfrentar o progresso econômico e filosófico que se iniciava. As classes mais populares passavam fome em muitas cidades, o desemprego era altíssimo, a burguesia se sentia muitas vezes atada politicamente, e a aristocracia se deliciava com banquetes, jogos, festas e comemorações. O último grupo, inclusive, lutaria com todas as forças para não perder tais privilégios. O modelo vigente se tornaria insustentável em pouco tempo.

Do outro lado do Atlântico, na região do Caribe, a miséria que assolava parte da população que vivia em uma pequena, todavia extremamente próspera colônia francesa, se assemelhava em parte com a miséria dos mais desamparados na França. Aquilo que causava as mazelas de um grupo não eram fisicamente iguais às mazelas do outro grupo, mas tinham características compartilhadas em seu empenho. Na Europa, a nobreza pressionava o povo a todo custo para manter seu poder, riqueza e *status quo*. No Caribe, os latifundiários pressionavam os escravizados a todo custo com o mesmo objetivo.

A partir do momento em que os europeus desembarcaram nas terras desconhecidas por eles, em 1492, o continente americano foi submetido a uma

⁸ **Charles Alexandre** (França 20 de janeiro de 1734 – França, 29 de outubro de 1802): Estadista francês e ministro da economia francês, durante o reinado de Luís XVI. Foi também visconde de Calonne.

⁹ **Jacques Necker** (Suíça, 30 de setembro de 1732 - Suíça, 9 de abril de 1804): Economista e político suíço do século XVIII. Foi nomeado em três ocasiões pelo rei Luís XVI para cuidar das finanças do Estado francês (1776, 1788 e 1789).

exploração de seus bens e povos. Para extrair os recursos naturais, os ameríndios foram utilizados em massa nas Antilhas, onde o extermínio foi completo. Desta forma se iniciou a escravidão nas Américas, primeiro com os habitantes nativos e mais tarde com os africanos trazidos para o Novo Mundo. De modo genérico, com a introdução das leis de Carlos V da Espanha, foi proibido o tratamento desumano e escravização para com os nativos, o que não mudou de fato a condição dos povos ali presentes. Após alguns anos, as doenças trazidas pelos europeus e os embates com os colonizadores levaram milhões à extinção, reduzindo seu potencial como mão de obra.

"Las Casas, ironicamente, defendia a importação de escravos africanos para salvar a população indígena brutalizada. Logo os escravos importados substituíram os indígenas que estavam morrendo rapidamente, servindo como trabalhadores em uma nova indústria que complementava a mineração. A cana-de-açúcar foi trazida para a colônia por Colombo em 1493 e, no início dos anos 1500, os espanhóis começaram a estabelecer as primeiras plantações de açúcar no Novo Mundo. Na década de 1530, havia mais de trinta usinas de açúcar na colônia e, em meados do século XVI, a produção anual de açúcar chegava a vários milhares de toneladas."¹⁰

Já em 1517, a Coroa espanhola concedeu uma primeira licença para importar 15 mil homens africanos ao Novo Mundo, em especial para a Ilha de São Domingos. Este foi o primeiro decreto de muitos que viriam por séculos a frente, como uma fonte interminável, sangrenta e lucrativa para os comerciantes da Europa. Igualmente, um martírio sem igual pairou no destino daqueles que chegavam acorrentados aos portos. A princípio, o comércio foi controlado pelos portugueses, os quais já haviam importado escravos do Congo desde metade do século XV para as possessões no Atlântico (Ilha da Madeira e Açores) e para a própria Europa. Os portugueses seguiram sendo os mercadores de escravos de maior destaque até o começo do século XVII, quando foram superados pelos holandeses, franceses e ingleses. Dessa maneira, o tráfico negreiro começou a tomar forma, sendo moldado e praticado ao longo de quase quatro séculos até ser extinto de modo real.

Em 1625, colonos franceses criaram assentamentos em Tortuga, que ficava apenas a nove quilômetros de São Domingos. Na ilha de Tortuga, centenas de homens vindos da Europa se instalaram tendo os mais diversos interesses, e por muitas décadas a ilha ficou em conflito. Parte dos franceses, em dado momento,

¹⁰DUBOIS, Laurent. **Avengers of the New World** - Harvard University, 2004. p.15

atravessaram em 1659 para São Domingos, e lá requisitaram a suserania da França. Devido à importância econômica e também estratégica, toda a região do Caribe permaneceria em litígio durante o século XVII, com alguns intervalos. Para a felicidade dos colonos franceses de São Domingos, em 1697 o Tratado de Ryswick¹¹ entre Espanha e França lhes concedeu certo grau de “legalidade”.

As riquezas do Caribe no século XVII dependiam, portanto, da mão de obra africana e da cultura do açúcar, produzido em fazendas de proprietários europeus. Em Saint-Domingue não era diferente. A partir de meados de 1730, engenheiros franceses construíram um complexo sistema de irrigação para aumentar a produção da cana-de-açúcar. Saint-Domingue, juntamente com a Jamaica, tornaram-se os principais fornecedores de açúcar do mundo. A produção de açúcar dependia do trabalho manual extensivo dos escravizados através do modelo de plantation colonial. Aos primeiros dias da Revolução Haitiana, a colônia era responsável por 40% da produção de açúcar do mundo ocidental.

“A base da economia de Saint-Domingue era o açúcar, embora também houvesse café, algodão e índigo [...]. Ao longo do século XVIII, os plantadores franceses conseguiram superar a produção total de todas as colônias britânicas das Antilhas. No final do século, os franceses, cujos custos de produção eram consideravelmente inferiores aos das plantações britânicas, conseguiam competir com os ingleses no mercado de açúcar europeu.”¹²

A transformação da pequena possessão francesa na colônia super lucrativa de seu tempo, a rendeu o apelido de “Pérola do Caribe” como dito anteriormente, escondia sob seu manto de riquezas uma realidade apavorante. Se aos homens de seu tempo a escravidão era tida como algo aceitável e natural, explicado pela religião, pela ciência e pela moral, hoje é algo execrável. Ao admirarmos o passado, a mancha sangrenta deste fenômeno histórico é capaz de deixar espantado o mais cético dos indivíduos.

Após analisar o panorama geral sobre a situação colonial até aquele momento, resta analisar, no primeiro momento, a situação do africano escravizado e seus descendentes. Para aprofundar a questão, é necessário um olhar amplo, desde a

¹¹O Tratado de Ryswick foi assinado em 20 de setembro de 1697 e pôs fim à Guerra dos Nove Anos, entre a França e a Grande Aliança. Parte do acordo garantia as posses francesas em São Domingos.

¹²BETHEL, Leslie. **História de América Latina** vol 5 – Editorial Crítica, Cambridge University Press. Pg.124

viagem do cativo até a vida que este levaria em solo franco-caribenho. Compreender os motivos da utilização da mão de obra africana, por si só, não é capaz de exemplificar a atmosfera vivida pelo escravo. É preciso, portanto, refazer seu trajeto até onde podemos.

Tirados de sua terra natal, os africanos das mais diversas etnias eram levados à força até o Caribe. Milhares de pessoas não sobreviviam ao caminho até o Novo Mundo. Desnutrição, suicídio, infecções, epidemias, dentre vários outros males que assolavam os africanos de modo impiedoso ao longo da viagem. Dentre as descrições que perduraram ao longo dos tempos, os grilhões do interior dos navios negreiros que levavam a valiosa carga guardam a memória material dos acontecimentos.

A cada um dos presentes era dado de um metro a um metro e meio de comprimento, e meio metro até um metro de altura para se encaixar. Deste modo, não eram capazes de se deitarem por completo ou ficarem sentados com a postura ereta. Quando possível, eram levados uma vez por dia até o tombadilho para se exercitarem. Comendo lavagem com as mãos no mesmo espaço em que suas imundices ficavam, vide o ar fétido, a desintéria e outras doenças se espalhavam. Assim ficavam por dois meses aproximadamente, até chegar ao destino. Um escritor desconhecido da época citou que “nenhum lugar na Terra concentrou tanta miséria quanto o porão de um navio negreiro”. O começo de nossa análise condiz propositalmente com o princípio da miséria e sofrimento destes indivíduos no dito “Mundo Atlântico”.

Diversas histórias sobre as viagens perduraram ao longo dos séculos, das mais variadas formas possíveis. Cartas e diários de viagem, relatos passados a frente entre os cativos, negros fugitivos e libertos, homens letrados das colônias ou da própria Europa que viram os episódios, até manifestações artísticas tomavam partido da situação desumana dos que eram trazidos¹³. Todos descreviam o mesmo cenário, mesmo aqueles que encaravam aquela situação como correta ou comum na Idade Moderna.

“Um capitão, que havia sido apanhado pela calmaria, ou por ventos adversos, ficou conhecido por ter envenenado a sua carga. Um outro matou

¹³Como exemplo, o poema “O Navio Negreiro” de Castro Alves, finalizado em 1868.

uma parte de seus escravos para alimentar com a carne deles a outra parte.”¹⁴

Ainda na mesma passagem, percebemos outras ações utilizadas para reprimir a tripulação escrava, de modo a quebrar suas mentes e submeter a força de vontade deles à dos homens em comando do navio.

“Por medo da carga, uma crueldade selvagem se desenvolvia na tripulação. Um capitão, para inspirar terror nos escravos, matou um deles e repartiu seu coração, seu fígado e suas entranhas em trezentas partes, obrigando os outros escravos a comê-las, ameaçando aqueles que não o fizessem com o mesmo suplício.”¹⁵

Mesmo que considerássemos algumas narrativas como distorções da realidade, metáforas ou ainda fantasiosas por completo, o acúmulo de informações similares sobre o cotidiano dos navios negreiros torna inegável o horror sofrido pelos homens que neles eram levados. Do século XVI ao XIX mais de dez milhões de pessoas foram submetidas à situações proporcionais as citadas, pouco menos ou muito mais horrendas. Aos que sobreviviam, restava inicialmente uma vida aterrorizante de trabalho árduo, miséria e maus tratos. De modo comparativo, podemos olhar para a vida dos homens brancos e pobres que chegavam até Saint-Domingue no setecentos em busca de oportunidades de enriquecimento e ascensão social.

“Muitos jovens chegaram à colônia em busca de tais posições, mas, apesar da economia em expansão, não havia muitas delas, e aqueles que fracassaram aumentaram as fileiras de brancos pobres e desempregados. Em 1776, um observador notou a “grande miséria” de muitos brancos na ilha e opinou que aqueles que chegassem à colônia sem nenhuma habilidade útil provavelmente acabariam mortos do lado da estrada. Esse era o destino de um “homem branco desconhecido, de 14 ou 15 anos, sem barba”, que foi encontrado pela polícia em 1779; um cirurgião determinou que ele havia morrido de miséria - pobreza - e ele foi enterrado anonimamente em um local.”¹⁶

A situação na França estava complicada para maior parte da população durante o século XVIII, fazendo com que o fluxo de migrantes europeus que buscavam oportunidades na colônia aumentasse consideravelmente, apesar de todas as

¹⁴ JAMES, Cyril Lionel Robert . **Os Jacobinos Negros** - BoiTempo Editorial, 2016. p.23

¹⁵ JAMES, Cyril Lionel Robert . **Os Jacobinos Negros** - BoiTempo Editorial, 2016. p.23

¹⁶ DUBOIS, Laurent. **Avengers of the New World** - Harvard University, 2004. p.20

dificuldades e riscos envolvidos na empreitada. A miséria da qual fugiam na Europa não diferia muito da miséria que lhes aguardava no Caribe. Se homens brancos europeus que estavam em posição social (não necessariamente econômica) acima de qualquer indivíduo de cor apenas por sua origem, corria um risco considerável de viver e morrer desta forma, o que seria então da vida dos homens, mulheres e crianças que chegavam acorrentados à colônia francesa se não um verdadeiro “inferno sobre a Terra”?

O crescimento do império açucareiro sob as mãos do rei da França Luís XIV, que sabia das condições purulentas em que estavam vivendo os africanos, fez com que seu ministro Colbert¹⁷ publicasse o Code Noir ou *Código Negro*. Com seus 60 artigos, veio a ser uma espécie de “constituição da escravidão”, que a partir de 1685 vigorou nas colônias francófonas. Em seus artigos ele dava conta de cobrir diversas possíveis situações. O artigo 38 assombrava os escravos que pensavam em fugir, com decepção das orelhas, marcação em brasa da flor de lis nas costas do cativo recapturado, e finalmente a morte no caso de uma terceira tentativa de fuga. No século XVIII tais leis já estavam consolidadas há muito, e dificilmente um negro não era conhecedor de suas regras mais assustadoras após pouco tempo na ilha.

Em termos mínimos, o mesmo conjunto de leis tentava assegurar a sobrevivência do escravizado. Supostamente, era obrigatório aos senhores assegurarem aos escravos alimento semanal: dois potes e meio de mandioca; um quilo de carne salgada ou um quilo e meio de peixe conservado; três potes de farinha. Essas quantidades não eram as reais, na prática. Os senhores concediam-lhes três litros de farinha grossa, um punhado de arroz ou ervilhas e meia dúzia de arenques, de maneira quase aleatória em alguns casos. Longe da França, não havia motivos reais para se ter gastos considerados desnecessários para as “posses”. Os latifundiários eram, então, as verdadeiras autoridades do dia a dia.

“O Código Negro (Code Noir) de 1685 do rei estabeleceu regulamentos detalhados sobre o tratamento de escravos - suas horas de trabalho, comida, moradia, roupas e punição - bem como questões relacionadas, como o processo de emancipação. Para o próximo século, senhores de escravos descaradamente, abertamente e consistentemente quebraram quase todas as provisões deste código. Como um ativista plantador, Tanguy

¹⁷ **Jean-Baptiste Colbert** (França, 29 de Agosto de 1619 — França, 6 de Setembro de 1683): Político francês que foi ministro da Economia e de Estado do rei Luís XIV. Instaurou o “Colbertismo” na França, prática mercantilista com intervenções estatais na economia.

de la Boissière, escreveu em 1793, o Code Noir sempre foi “julgado absurdo” e sua implementação “nunca ocorreu”. De fato, ao longo do século XVIII, a legislação local e a nova legislação real reverteram muitas de suas principais disposições, particularmente as relativas ao status de escravos emancipados. Mestres em Saint-Domingue, como na América do Norte, responderam a qualquer tentativa de interferir em seu poder sobre os escravos com violenta hostilidade e resistência obstinada.”¹⁸

Contabilizando a viagem traumática sem comparações em sua época, as “regras escravagistas” desumanizadoras e a desnutrição, já teríamos um quadro suficientemente desesperador para os escravos. Todavia, não findava aí a miséria às quais eram submetidos. Havia um regime de trabalho forçado exaustivo e sem igual, que ignorava o cansaço ou as condições da mão de obra utilizada. O cativo, apesar de falar como um humano, caminhar e trabalhar como um humano, pensar como um humano e possuir aparência humana, era visto mais como um objeto ou animal do que como uma pessoa. Em termos simples, para a classe dominante, escravos eram coisas e não indivíduos.

A escravidão, como quase toda prática social, era regulada pelo Estado e necessitava de mecanismos definidos para haver coesão na aplicação. Através dessas leis, colonialismo e racismo se perpetuaram. Retirar a responsabilidade daqueles que praticavam atos dentro desses moldes parece possível quando se considera que “apenas seguiam as leis de onde viviam”. Um cidadão que segue as leis e obedece à ordem institucional é considerado uma “boa pessoa”. De fato, a colocação feita não parece falsa, porém uma vez questionadas ou alteradas estas leis, os ditos cidadãos modelos deixam de seguir as leis. Foram incapazes de abandonar as práticas escravistas e a violência (em qualquer de suas manifestações).

Em Saint-Domingue, todos podiam ser acordados pelo estalo do chicote, seguido dos gritos sufocados e gemidos profundos dos negros que viam o Sol surgir, amaldiçoados a mais um dia de trabalho infundável. As suas tarefas começavam ao raiar do dia; às oito horas, eles paravam para um rápido desjejum e trabalhavam de novo até meio-dia. Retomavam às duas horas e seguiam até tarde, algumas vezes até o fim da noite. Basicamente, enquanto fosse possível providenciar algum nível suficiente de luz para a atividade do escravo, ele seria forçado a trabalhar. Se pensarmos sobre o Sol escaldante que existe nos trópicos, a situação se tornava

¹⁸ DUBOIS, Laurent. **Avengers of the New World** - Harvard University, 2004 p.30

ainda pior. O serviço de cortar a cana com facões no solo duro de barro, cozido pelo calor da região, era por si só insalubre.

Quase toda atividade que não envolvesse o trabalho era inexistente. Eventualmente podiam ser deixados em paz uma vez por semana, mas isso era como uma aposta na boa vontade e benevolência dos fazendeiros brancos. O açoite era a punição mais costumeira para as transgressões dos escravos e por transgressões, entendia-se basicamente qualquer tipo de manifestação humana normal de insatisfação ou questionamento. Não deveriam fugir de seu cativeiro, não deveriam reclamar, não deveriam parar de trabalhar a não ser que fosse ordenado, não deveriam mentir, não deveriam emitir opiniões, dentre outras imposições absurdas. Tais castigos ainda poderiam carregar requintes de crueldade.

“A punição física era uma ameaça constante e uma realidade frequente na vida dos escravos. A punição mais comum era chicotear, [...] chicotadas eram usadas como tortura e como espetáculo. “Punições lentas causam uma impressão maior do que as rápidas ou violentas”, escreveu um rico dono de uma plantação para seus gerentes. Em vez de cinquenta chicotadas “administradas em cinco minutos”, ele recomendou “vinte e cinco chicotadas do chicote administradas em um quarto de hora, interrompidas em intervalos para ouvir a causa que os desafortunados sempre pleiteiam em sua defesa e retomavam novamente, continuando desta maneira por duas ou três vezes”, como sendo “muito mais provável que cause uma boa impressão”. A mensagem era direcionada tanto aos outros escravos, que eram forçados a assistir, quanto à vítima.”¹⁹

Os castigos eram mais frequentes que as rações, pois além das motivações econômicas que incentivavam a manutenção da escravidão, havia o medo que os brancos tinham dos negros, e o ódio contra os mestiços (chamados mulatos). Basicamente a colônia se dividia em três grandes grupos raciais, e apenas depois em classes, gêneros ou grupos menores. Os números ajudam a explicar, em parte, este quadro geral que se agravou com a passagem do século XVII para o XVIII.

“Em Saint-Domingue, em 1687, os brancos superavam em número os escravos, de 4.411 a 3.358. Mas no século XVIII, o trabalho no Caribe tinha sido deliberada e obsessivamente racializado. Com exceção de alguns gerentes e supervisores, as forças de trabalho das plantações eram inteiramente descendentes de africanos. Em Saint-Domingue, em 1700, a população de escravos cresceu para 9.082, enquanto a população de brancos diminuiu em várias centenas. Como as plantações de açúcar

¹⁹DUBOIS, Laurent. **Avengers of the New World**- Harvard University, 2004. p.50

proliferaram nas décadas seguintes, o número de escravos aumentou dramaticamente; em meados do século, havia quase 150.000 escravos e menos de 14.000 brancos e, às vésperas da revolução, 90% da população da colônia era escravizada.²⁰

Dentro do mesmo raciocínio, os números dos momentos pré-revolucionários demonstram o abismo demográfico entre senhores, cativos e libertos ou mestiços.

“Era, antes de tudo, uma colônia de escravos, em que colonos brancos e outras pessoas livres eram uma minoria da população. Em 1789, segundo dados oficiais, havia aproximadamente 465.000 escravos na colônia, 31.000 brancos e 28.000 livres.”²¹

No cotidiano de toda Saint-Domingue era possível perceber a diferença. Na prática, não havia nada que impedisse os escravos de se rebelarem e acabarem com seus algozes. Dentro do campo psicológico, entretanto, é possível compreender o porquê de muitos sequer cogitarem essa possibilidade. Eles viam diariamente açoites, membros e partes do corpo decepadas e castigos dos mais variados. Estavam subnutridos e cansados pelo regime de trabalho forçado. Lidavam com a morte entre eles toda semana, devido à taxa de mortalidade altíssima entre os seus pares, o que explicava igualmente a demanda quase permanente por novos africanos. Para além de seus corpos, a mente de muitos havia sido despedaçada, e apenas seguiam o curso apresentado até o dia de suas mortes. Não havia, apesar de revoltas momentâneas, uma esperança coletiva que lhes desse força para lutar contra sua condição.

Por sua vez, mestiços que haviam feito fortuna e até mesmo estudado na Europa eram odiados pelos brancos. Os brancos ricos não aceitavam que indivíduos de procedência dita inferior tivessem o mesmo poder econômico que eles, ao passo que os brancos pobres eram rancorosos por terem pessoas de cor com uma vida melhor que a sua. Por muito tempo essa casta acumulou riqueza, se organizou e se instruiu. Boa parte usou a própria escravidão como forma de enriquecimento. No alvorecer das agitações na ilha, eles pretendiam ter os mesmos direitos dos brancos e se igualar em *status quo*, renegando seu passado ou seu sangue. Os brancos não

²⁰DUBOIS, Laurent. **Avengers of the New World** - Harvard University, 2004. p.19

²¹DUBOIS, Laurent. **Avengers of the New World** - Harvard University, 2004. p.30

podiam açoitá-los oficialmente, mas negavam-nos, dentro do possível, todo e qualquer benefício, e o ressentimento entre ambos os grupos crescia.

Como este ódio e esta violência seriam dispersos ao invés de maximizados, considerando-se que ele era contínuo e interminável, é algo difícil de compreender. A violência (física, social ou psicológica) teria então um papel preponderante no cenário geral. O sentido comum é que a violência fosse direcionada para algum lugar.

“Ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial”²²

Em 1758, os fazendeiros brancos começaram a aprovar leis oficiais que estabeleciam restrições aos direitos de outros grupos de pessoas, até um rígido sistema de castas ser definido. O sistema já existia anteriormente, porém não possuía “oficialidade”. Por conta de toda estrutura socioeconômica, colonos brancos e escravos negros tinham frequentemente conflitos violentos. Escravos fugitivos, conhecidos como *maroon*, refugiavam-se na floresta e realizavam ataques às plantações de cana de açúcar e café. Em determinado ponto a barbárie já era combatida com barbárie.

O sucesso desses ataques estabeleceu tradições haitianas de violência e brutalidade para fins políticos e sociais. Embora às vezes o número de fugitivos tenha aumentado, eles geralmente não tinham a liderança e estratégia para alcançar os objetivos de longo prazo. O primeiro líder *maroon* eficaz a surgir foi François Mackandal²³, que conseguiu unificar a resistência negra. Provocando uma grande rebelião que foi de 1751 até 1757, deixou viva na memória dos brancos da ilha o terror que os negros poderiam provocar ao se rebelarem. O medo que era de natureza ideológica se transpôs para o plano real após esta grande rebelião. Anteriormente, haviam situações incômodas para colonos e senhores de fazendas,

²²ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência** – Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001. p.16

²³ **François Mackandal** (falecido em 1758): foi um líder maroon Haitiano em Saint-Domingue. Ele era um africano que é por vezes descrito como sacerdote vodu haitiano, ou houngan. Organizou uma ampla trama para envenenar os mestres, seus suprimentos de água e animais. Traído por um dos seus, foi capturado e queimado vivo em 1758.

destruições muito pontuais e crises locais, mas nunca nada tinha chego aquele ponto.

Mesmo tendo existido rebeliões anteriores, nenhuma delas se comparou àquela até ali. Quanto mais o modelo de vida perdurava na ilha, mas insustentável ele se tornava. Em verdade, o cenário para o período revolucionário estava montado quase por completo. Restava apenas que as massas francesas se levantassem para que algo único realmente acontecesse em Saint-Domingue.

• CAPÍTULO 3

O ano de 1789 marca o estopim da intensa agitação política e social na França. Os acontecimentos a partir desta data têm um impacto duradouro na essência do país, do continente europeu moderno e na história do próprio Ocidente. Como um “efeito dominó” a influência dos acontecimentos chegaria a pouco tempo ao outro lado do Atlântico nas colônias de toda América, não apenas francófonas. A monarquia absolutista que tinha governado a nação durante séculos entrou em colapso em apenas três anos. A sociedade francesa passou por uma transformação profunda. Privilégios feudais, aristocráticos e religiosos foram extintos sobre um ataque sustentado de grupos políticos radicais, das massas nas ruas e de camponeses na região rural do país. Antigos ideais da tradição e da hierarquia de monarcas, aristocratas e da Igreja Católica foram abruptamente derrubados pelos novos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade.

Em meio a uma crise econômica, o povo francês estava cada vez mais irritado com a monarquia de Luís XVI e com a indiferença contínua e a decadência da aristocracia do país. Esse ressentimento, aliado aos cada vez mais populares ideais iluministas, alimentaram sentimentos radicais e a revolução “oficialmente” começou em 1789, com a convocação dos Estados Gerais em maio. Muito ocorreria no passar das três décadas seguintes, porém algumas transformações seriam permanentes na estrutura social da França, enquanto outras iriam pendular de acordo com a força política dos agentes históricos.

A convocação dos Estados Gerais reuniu todas as classes francesas diante do rei para definir o rumo das reformas nacionais, visando o fim da crise. A impossibilidade de acordo entre as partes fez surgir a Assembleia Nacional, que faria reformas legítimas em diversas áreas a despeito de não se submeter mais ao rei. Metas como a desapropriação das terras eclesiásticas, o fim da servidão à nobreza, mais liberdade política e econômica e diversas outras questões entraram na lista de reformas a serem feitas. Os habitantes de Sant-Domingue possuíam “olhos e ouvidos” dentro das agitações políticas europeias e começaram a se agitar também. Em particular, dois grupos eram de suma importância: os latifundiários donos da colônia que estavam desejosos de maior liberdade comercial sem perder quaisquer autonomia e privilégios que possuísem e os homens livres de cor

(mulatos) que possuíam fortuna e desejavam direitos políticos iguais ao dos brancos em todo solo francês.

A colônia francesa de Saint-Domingue sofreria os reflexos dos acontecimentos na Europa. Ainda que muito se fale sobre os desdobramentos da revolução no cenário europeu, em verdade é a Revolução Haitiana a “principal filha” da Revolução Francesa, mesmo que tratada como uma “filha bastarda e indesejada”. O quadro na colônia era um pouco diferente do quadro na metrópole. Não havia um rei, mas havia representantes do governo; Não havia uma aristocracia, mas sim latifundiários e notáveis ricos; Não haviam as massas plebeias, mas massas escravas inquietas.

Os mestiços de Saint-Domingue como Julien Raimond²⁴ tinham ativamente apelado para a França pela igualdade política com os brancos desde meados de 1780. Os grupos de ricos mulatos chegaram a enviar para Assembleia Nacional representantes com suas reivindicações. Logo após a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, o grupo de abastados mulatos força novamente sua causa. Em 1790, Vincent Ogé²⁵, outro homem mestiço como Raimond, retornou de Paris, onde tinha trabalhado para avançar a questão com a intenção de fazer valer as novas regras sancionadas pela Assembleia Nacional. Eles chegaram a obter algum êxito, tendo em vista que a fortuna dos homens livres de cor não era algo a se ignorar, principalmente naquele momento onde a sociedade se transformava e era preciso cada vez mais aliados para engrossar as fileiras dos reformistas. Em termos gerais, os mestiços livres retornam da França com uma vitória política.

A realidade na colônia, entretanto, era outra. O governo colonial se recusou a permitir que homens de cor votassem ou opinassem na política da ilha, independentemente de serem ricos e livres. Ogé, então, lideraria uma revolta breve no Haiti contra o governo colonial. A revolta duraria de 1790 a 1791 apenas. Capturado em 1791, foi brutalmente executado na colônia para servir de exemplo para todos os mestiços. Mais uma vez, o status racial fazia com que nenhuma riqueza ou lei superasse o ódio entre os grupos. Ogé nunca teria lutado contra a

²⁴ **Julien Raimond** (1744 - 1801): foi um plantador de índigo na colônia francesa de Saint-Domingue que se tornou líder da representação política de mestiços antes e durante o período revolucionário no Haiti.

²⁵ **Vincent Ogé** (1755 - 1791): foi um homem mestiço rico e livre. Instigou uma revolta contra a autoridade colonial francesa, que durou de outubro a dezembro de 1790 na área fora de Cap-Français.

escavidão, pois sua riqueza no Caribe dependia dela, mas o tratamento que recebeu foi tão absurdo que chegou a ser citado pelos escravos rebelados posteriormente como motivador para “não acordar nada com os brancos”. O conflito até o momento havia sido entre facções políticas de colonos brancos e tensões entre brancos e mestiços livres. Negros escravizados assistiam a tudo quase imperceptíveis, com uma noção breve sobre os fatos na Europa e total entendimento do que estava em jogo em Saint-Domingue. Em breve os negros não mais poderiam ser ignorados.

As influências de um fato histórico no outro são notáveis. O desenrolar dos acontecimentos atravessavam a distância de modo incrivelmente rápido para a época, mudando em questão de meses o cenário haitiano. Neste caso, observamos, então, a forma como a casta colonial de escravos interagiu com os outros dois grupos. Promessas, atitudes e personagens misturam-se num turbilhão caótico de interesses que tem profunda relação com o cenário descrito anteriormente, pois na história não há acontecimentos isolados e sem conexão com o passado ou o futuro.

“No entanto, agora a ilha estava em um estado de intensa efervescência revolucionária. Todos falavam sobre as liberdades da revolução na França e o exemplo dos Estados Unidos. Os grands blancs buscavam sua autonomia. Os mulatos, enfurecidos pelas mortes de Ogé e Chavannes, buscaram igualdade com os brancos e, finalmente, sua independência. O que ninguém pensava ou dizia era que os escravos negros tinham direitos ou os mereciam. Mas, dia após dia, ouviram os debates de seus mestres. Nas grandes casas, nas plantações, nas aldeias, nos mercados, os escravos tomaram consciência de sua condição e das possibilidades que lhes eram abertas para escapar, assim como o lendário rebelde François Macandal havia defendido em 1758. Pouco a pouco os escravos se organizaram e em agosto de 1791 eclodiu uma revolta nas plantações do norte de Saint-Domingue, uma revolta que não cessaria nos anos seguintes.”²⁶

Se os franceses tomavam a Bastilha e criavam desordem contra a aristocracia na França, faziam reformas e afiavam a guilhotina para os dias vindouros, no Haiti os negros ouviam e acompanhavam as movimentações que ocorriam. Nenhum ou quase nenhum deles havia visto a França, porém entendiam que algo ocorria e, dentro de suas possibilidades, não se mantinham inertes. De fato, isso dependeu em algum grau de lideranças que almejavam a libertação dos seus pares. Mirabeau

²⁶ BETHEL, Leslie. **História de América Latina vol 5** – Editorial Crítica, Cambridge University Press. P.126.

Conde²⁷, um escritor e político francês tem atribuída a ele a frase de que “os brancos de Saint-Domingue dormiram no pé do Vesúvio”, indicando a grande ameaça que pairava na ilha dada a quantidade absurda de escravos em contraste com a de homens livres, em caso de insurreição. Até determinado ponto, ainda que a Revolução nascente tenha sido bem recebida pelos brancos influentes da colônia, estes não pretendiam que determinadas coisas mudassem. Desejavam a liberdade comercial na mesma intensidade que repudiavam a liberdade racial.

Em 1791, o teatro estava completo, uma nova e maior revolta toma conta de Saint-Domingue, onde o negro Dutty Boukman²⁸ liderou por alguns meses milhares de cativos contra a opressão racial escravista nas planícies do Norte da ilha. Alguns dados históricos dão conta de até 100 mil cativos rebelados. A esta altura, não havia de fato conversações acerca dos direitos de outras pessoas que não fossem os europeus brancos e seus descendentes igualmente brancos. O principal líder da revolta, portanto, não buscava conciliação entre as partes, apenas a total libertação. Os brancos já haviam renegado as leis vindas da Europa e perseguido os mestiços livres. Por tais razões, a única forma conhecida de libertar-se, e que poderia florescer nas terras tropicais da colônia, era através da luta armada naquele momento. Os inimigos estavam bem definidos para os escravos, por suas vestimentas, cor de pele e religião.

“Cada um dos grupos de trabalho escravos matou seus respectivos senhores e queimou as fazendas até as cinzas. [...] Visto de Le Cap, todo o horizonte era uma muralha de chamas; dessa muralha, subiam continuamente grossas colunas de fumo, através da qual línguas de fogo saltavam para o próprio céu.”²⁹

Por três semanas os cativos destruíram tudo aquilo que enxergavam como instrumento de sua miséria. O fogo lambia as plantações ao mesmo tempo em que parecia expor o tamanho sofrimento aos quais foram submetidos. Como havia dito um dos revoltosos que havia sido capturado durante as incursões escravas no

²⁷ **Honoré Gabriel Riqueti** (9 de Março de 1749 - 2 de Abril de 1791): Conde de Mirabeau, foi jornalista, escritor, político e parlamentar francês no fim do século XVIII

²⁸ **Boukman** (falecido em 1791): Nasceu na Jamaica. Posteriormente, foi vendido por seu senhor britânico para um dono de plantação francês. O negro foi morto pelos franceses em novembro de 1791, apenas alguns meses após o início do levante. Os franceses expuseram a cabeça de Boukman em uma tentativa de dispersar a aura de invencibilidade que Boukman cultivou.

²⁹ JAMES, Cyril Lionel Robert. **Os Jacobinos Negros** - BoiTempo Editorial, 2016. p.93

Norte, “há uma guerra de morte contra os brancos”. Não apenas aos indivíduos, também aquilo que eles representavam e suas posses. Os brancos mantiveram controle sobre alguns campos fortificados de forma isolada. Negros buscavam vingança contra seus mestres através de pilhagem, estupro, tortura, mutilação e, conseqüente, morte. Diversas pinturas caricatas da época demonstram o ataque de negros contra brancos não apenas em situação de combate. Muitos brancos foram enforcados e queimados com suas propriedades. Nos dois meses seguintes a violência apenas aumentou. Em números prováveis, os escravos executaram cerca de 4 mil brancos e destruíram por volta de 180 engenhos de açúcar e centenas de plantações de café, açúcar e índigo.

“A única coisa a fazer era destruí-las, De seus senhores, eles haviam recebido a violação, a tortura e, à menor provocação, a morte. Pagaram na mesma moeda. Por dois séculos, a civilização mais evoluída mostrou-lhes que o poder era usado para descarregar a sua vontade sobre aqueles que controlava. Agora que detinham o poder, fizeram como haviam sido ensinados”³⁰

As chamas do norte se apagariam. Porém, as condições de existência da estrutura social colonial em Saint-Domingue estavam fadadas a ruir. Os negros haviam descoberto que era possível uma revolta em seus próprios termos. Não existia um consenso naquele momento do que seria possível ou não e talvez não houvesse sequer ideia de até onde seria possível chegar com a rebelião, fosse a de 1791 ou as posteriores. Como indivíduos que passaram por um trauma profundo, a liberdade, e apenas ela, interessava para esmagadora parte dos negros cativos. Os brancos fugiam para Le Cap, capital da colônia, em busca de proteção contra a brutalidade do exército rebelde. Os negros permaneceram no Norte destruindo os grilhões de sua condição sub-humana.

Aos olhos de um indivíduo atual, utilizando-se de uma visão anacrônica, formado pela cultura e sociedade de nossa época, aquilo que ocorria era uma verdadeira barbárie. A luta em si não seria o problema, mas a violência desenfreada não poderia justificar-se por inúmeras questões morais e humanitárias para o homem contemporâneo.

³⁰ JAMES, Cyril Lionel Robert . **Os Jacobinos Negros** - BoiTempo Editorial, 2016. p.94

“A própria substância da ação violenta é regida pela categoria meio-fim cuja principal característica, quando aplicada aos negócios humanos, foi sempre a de que o fim corre sempre o perigo de ser suplantado pelos meios que ele justifica e que são necessários para alcançá-lo. Visto que o fim da ação humana, distintamente dos produtos finais da fabricação, nunca pode ser previsto de maneira confiável, os meios utilizados para alcançar objetivos políticos são muito frequentemente de maior relevância para o mundo futuro do que os objetivos pretendidos.”³¹

Como bem analisado neste trecho, os meios são por vezes mais importantes do que os fins, e é preciso tomar cuidado com o rumo que as coisas tomam para que não se perca o controle da situação e a luta acabe por diluir-se em cólera irracional. Há, entretanto, um ponto distante que tal passagem é incapaz de cobrir. A colônia já havia passado do ponto em que alguma conciliação era possível. De fato, líderes de cada uma das raças presentes no Haiti tentavam por inúmeras razões se aliar ou enfrentar de acordo com as necessidades que tinham, sem se esquecer de princípios pessoais e coletivos de cada raça.

É preciso entender que no fim do século em que ocorriam tais convulsões históricas, o mundo ocidental era incapaz de enxergar o cativo como um ser racional. Ele não era inteiramente um animal ou um objeto, dados os usos e leis que faziam a manutenção da escravidão. Ele não era inteiramente humano, já que lhe eram negados todo e qualquer aspecto de humanidade que não fosse para satisfazer a aristocracia colonial. Uma mulher negra que chegava pelos navios negreiros perdia a esperança na viagem e sua humanidade ao pisar em terra firme. Uma criança negra que sobrevivesse à viagem e conseguisse chegar à idade adulta, cresceria com concepções morais e sociais daquela terra da qual não era nativo. Um homem negro que vivesse tempo o suficiente nas plantações e incorresse na sorte de se tornar livre, ficaria preso na ilha até o fim amargo de seus dias. De fato, a cada dezenas de milhares, alguma alma sortuda conseguia escapar de tais destinos cruéis, enquanto todos os outros pereciam sob o manto colonial escravista.

Em Saint-Domingue havia uma linha racial extremamente enraizada na sociedade separando, em todos os aspectos sociais (e culturais na maior parte do tempo), os indivíduos. A violência que se seguia não tinha como objetivo político a libertação e posterior convivência entre negros e brancos, e isso havia sido deixado claro pelos próprios colonos brancos. Não era uma questão de se pavimentar o

³¹ ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência** –Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001. p.14

caminho para um futuro ameno e próspero. Tratava-se de algo mais simplório e perverso: aos mulatos a exclusão, aos negros o cativeiro, e aos que não aceitem seus destinos a força. Diante de tal cenário, não havia hipótese ou princípio político que pudesse sustentar uma aliança. As opções dos cativos eram então, lutar e se tornarem livres ou morrer tentando e tornarem seus espíritos livres daquela terra amaldiçoada, como pregavam suas crenças.

“Não se desorganiza uma sociedade, por mais primitiva que seja, com tal programa se não se está decidido desde o início, isto é, desde a formulação mesma deste programa, a destruir todos os obstáculos encontrados no caminho. O colonizado que resolve cumprir este programa, tornar-se o motor que o impulsiona, está preparado sempre para a violência. Desde seu nascimento percebe claramente que este mundo estreito, semeado de interdições, não pode ser reformulado senão pela violência absoluta.”³²

Para Clausewitz³³, “A guerra é a continuação da política por outros meios”. Tais meios seriam o uso da força e da violência para impor ao outro sua vontade. A política já havia falhado e os negros aprenderam isso com o destino de Ogé e outros que o seguiram. As leis e promessas dos colonizadores valeriam apenas para eles próprios. Ficando estáveis em sua situação, voltariam atrás em tudo que prometeram e fariam todos os sobreviventes de cor escravos novamente. Restava usar então a força, o único poder político que os escravos possuíam.

Ao longo da segunda metade do século XVIII, líderes negros (e mulatos) surgiram para dar voz e liderança às insatisfações. O objeto focal da discussão está nas atitudes e motivações das massas negras em Saint-Domingue, entretanto é preciso denotar rapidamente seus líderes (como feito anteriormente com Boukman e Mackandal), de modo a entender o porquê da violência cessar por alguns momentos, e o diálogo ser estabelecido dentro das possibilidades deficientes que existiam.

Retornando ao velho continente, o surgimento da nova República Francesa deixou outros impérios europeus em alerta. Na Europa, para que tal tipo de acontecimento não ocorresse em seus países. Fora dela, para que territórios franceses pudessem ser invadidos e conquistados devido à desordem e fragilidade

³² FANON, Frantz. **Os condenados da Terra** – Civilização Brasileira, 1968

³³ **Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz** (Burg, 1 de junho de 1780 - Breslau, 16 de novembro de 1831): Um militar do Reino da Prússia. Foi general no início do século XIX e é considerado um dos maiores militares e teóricos da guerra da história.

que a França apresentava. De modo lógico, a colônia caribenha mais rentável estava no topo da lista de espanhóis e britânicos, principalmente. Saint-Domingue fazia fronteira ao leste com a colônia espanhola chamada de Hispaniola. De lá, a coroa espanhola decidiu por reunificar a ilha em seu nome. No mesmo movimento, a coroa britânica estudava como conquistar a colônia a partir da Jamaica, ao Oeste.

O Estado francês encarava em sua colônia, por isso, dois problemas: a revolta interna de milhares de negros enfurecidos e a ameaça externa de outras potências europeias. A solução encontrada pela Assembleia Geral na França foi ceder aos interesses dos colonos brancos e tentar captar a riqueza dos mulatos. Deste modo poderiam armar um exército colonial para defender seus territórios, sem que o Haiti se separasse da França ou pendesse para o lado dos outros Impérios.

. Os negros, em contrapartida, tinham duas oportunidades após as revoltas iniciais: ficar ao lado dos espanhóis para libertar seus pares das mãos da França ou crer nas novas promessas francesas de emancipação de todos os escravizados. A Espanha, primeiro império a tentar conquistar Saint-Domingue, ofereceu aos negros que lutassem em seu favor a liberdade bem como o fim da escravidão na banda ocidental da ilha. Os franceses e colonos, que não possuíam meios de controlar a revolta dos cativos ou de enfrentar as forças espanholas que se lançavam ao ataque, optam por recorrer a alguns líderes negros com a promessa do fim da escravidão na colônia. Os negros, pela primeira vez em três séculos de escravidão nas Américas, se veem numa posição de poder. Ambos os lados, espanhóis e franceses, necessitavam da força militar afro-caribenha para vencer.

Desta forma, homens como Biassou³⁴ e Toussaint escolheram seus lados. As lideranças negras seguiam aquilo que lhes parecia mais confiável e, apesar de lados opostos no campo de batalha neste momento, tinham a mesma intenção no quesito coletivo. É possível que cada um deles possuísse aspirações próprias e individuais, algo quase natural da psique humana, contudo, havia algo em jogo ali para além de intenções pessoais. Biassou lutou ao lado dos espanhóis, Toussaint optou por lutar juntamente com os franceses. Em ambos os casos promessas foram feitas, e a principal delas é a de que toda forma de escravidão seria abolida, com garantias de igualdade entre os homens.

³⁴ **Georges Biassou** (1741, Haiti - 1801, Flórida): Um dos primeiros líderes da rebelião escrava de 1791, que iniciou a Revolução Haitiana. A cultura popular dizia que ele foi profetizado pelo sacerdote vodu, Dutty Boukman, para liderar a revolução, assim como outros indivíduos.

Se pensarmos de modo minucioso, é provável que existissem de fato homens que tinham a intenção de libertar os negros, como Sonthonax³⁵, fosse por motivos pessoais ou políticos. A escravidão, apesar de naturalizada, não era bem vista pela totalidade da sociedade francesa (ou europeia). Elevar os negros e homens de cor a um *status quo* similar ao dos brancos já era algo mais problemático de se aceitar, e ainda assim é possível e provável que tais homens brancos com essa opinião existissem. A política e a sociedade são construídas por homens e mulheres, cabendo a estes os rumos a serem tomados. Alguns são agentes ativos de seu tempo, fazendo o fluxo correr ou se desviar. Outros são apenas passageiros e seguem a maré. A maré naquela ilha era mentir aos negros para que lutassem em nome dos brancos, em troca de uma liberdade que eles jamais teriam se dependesse destes mesmos brancos.

Quando a Assembleia Nacional Constituinte francesa havia criado a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão em 1789, não se pensava efetivamente em como lidar com a escravidão negra. Em 3 de fevereiro de 1794, a Convenção Nacional declara extinta a escravidão em solo francês, contudo essas regras não se aplicariam às colônias francesas espalhadas pelo mundo.

A Convenção Nacional precisava lidar com uma questão: seria possível declarar os cativos livres sem que colonos brancos lutassem pela secessão? A colônia caribenha veria Sonthonax declarar em 1795 o fim da escravidão na província norte da ilha. O lugar poderia servir como um refúgio para negros que almejavam a liberdade. Com o passar do tempo, isso foi revertido e Napoleão³⁶ reestabeleceria a escravidão em 1802 em todo território francês. Ele envia para o caribe uma expedição militar de doze mil homens a fim de restaurar a ordem e a escravidão.

A resposta dada após maquinações políticas dos líderes brancos enviados foi uníssona por parte das massas: desconfiança generalizada. Por parte dos líderes negros e mulatos houve divergências, mas algumas ações demonstraram nitidamente o pensamento popular.

³⁵ **Léger-Félicité Sonthonax** (França, 7 de março de 1763 – França, 23 de julho de 1813): Abolicionista francês e jacobino. Se une ao partido girondino em 1791. Comandou tropas francesas em Saint-Domingue durante a Revolução Francesa. Governou de fato o Haiti de 1792 a 1795.

³⁶ **Napoleão Bonaparte** (Itália, 15 de agosto de 1769 – Santa Helena, 5 de maio de 1821): Líder político e militar na última parte da Revolução Francesa. Adotou o título de Imperador da França de 1804 a 1814, posição que voltou a ocupar por poucos meses em 1815. Foi responsável por diversas reformas legais e por conquistar militarmente boa parte da Europa. É o general conhecido com o maior número de vitórias militares.

“Ele massacrou homens, mulheres e crianças, enfim todos os brancos que caíram em suas mãos. E proibiu que os enterrassem, deixando pilhas de cadáveres apodrecendo ao Sol, para aterrorizar os destacamentos franceses que se arrastavam atrás de suas velozes colunas.”³⁷

É relatado como os homens de cor da colônia por vezes buscaram conviver com os caucasianos que lá viviam. O período de paz promovido por Toussaint, forçado ou não, trouxe alguma estabilidade superficial ao Haiti. Uma vez que a decisão de emancipação dos negros retrocedeu, não era preciso que os europeus que chegaram declarassem a plenos pulmões o veredito. A existência de tamanha força militar enviada pela França até o Novo Mundo era suficientemente clara, mesmo que seu comandante Leclerc³⁸ tentasse ludibriar os líderes afro-caribenhos de que estava lá para reestabelecer a paz. Com o prolongamento da guerra, o ódio racial se estendeu para além de colonos e ex-cativos, tomando as ações dos europeus que chegaram e trabalhadores negros que não compunham o exército revolucionário.

“O assassinato de todos os brancos por Dessalines já estava fazendo efeito. Os soldados franceses retaliavam e Leclerc e seus generais executavam os prisioneiros, centenas de negros de cada vez; só de uma feita fuzilaram seiscentos deles. Os trabalhadores negros, ainda que não atacassem, eram hostis aos invasores brancos. Observavam os movimentos à distância e atiravam nos flancos. Quando os franceses enviavam um destacamento para dispersá-los, eles fugiam. Tão logo os soldados se retiravam, os trabalhadores reapareciam.”³⁹

Aquilo que se deflagraria estaria na mesma estirpe dos dias iniciais da rebelião de escravos. A violência generalizada retorna e toda a colônia seria incinerada, restando apenas cinzas e corpos pelo caminho. Os mulatos não sairiam ilesos uma vez que haviam lutado contra a hegemonia branca assim como os negros. Centenas foram afogados simultaneamente sob a autoridade dada à expedição pela França. A riqueza que restava a alguns era confiscada em nome do governo e assim a guerra racial se perpetrava.

Durante a gestão de Toussaint aos brancos do Haiti foi dada a garantia de que viveriam em paz, desde que respeitassem como iguais as pessoas de cor. Determinadas passagens nos mostram, inclusive, que os brancos seguiam bem

³⁷ JAMES, Cyril Lionel Robert . **Os Jacobinos Negros** - BoiTempo Editorial, 2016. p.274

³⁸ **Charles Victoire Emmanuel Leclerc** (França, 17 de março de 1772 – Haiti, 2 de novembro de 1802): General francês que serviu durante a Revolução Francesa. Foi cunhado de Napoleão Bonaparte. Em 1801 foi enviado para Saint-Domingue como parte de um plano para retomar a ilha e reestabelecer a colônia francesa.

³⁹ JAMES, Cyril Lionel Robert . **Os Jacobinos Negros** - BoiTempo Editorial, 2016. p.288

tratados após os conflitos iniciais. Após a chegada da expedição, a situação se agravaria tanto que um “caminho sem volta” seria tomado. O “limite” entre violência e racismo não existia mais de modo que novamente, e definitivamente, exterminar o outro lado era a única opção vigente. A crueldade dos atos de colonos e europeus demonstrava isso, quando mil e quinhentos cães foram enviados para auxiliar a expedição na guerra.

“O dia em que os animais chegaram foi uma festa. Foi construído um anfiteatro no terreno de um antigo convento jesuíta e, certo dia, um jovem negro foi amarrado num poste no centro. [...] Com um golpe de sua espada, abriu a barriga do negro. Com a visão e o cheiro de sangue, os cães se atiraram à vítima e a devoraram num piscar de olhos, enquanto os presentes aplaudiam e a banda tocava. Para incentivar o gosto pelo sangue nos cachorros, todos os dias eram atirados negros para eles, até que os cães, inúteis nas batalhas, passaram a se jogar sobre qualquer negro que viam.”⁴⁰

Com uma possibilidade real de retomarem o controle de Saint-Domingue e voltar com a escravidão humana, os brancos passaram a queimar, enforcar e torturar negros novamente. Retomaram costumes como enterrar pessoas de cor até o pescoço próximas a formigueiros e passarem algo doce em seus rostos para que fossem comidos pelos insetos. Se tratava de ódio contra outras raças de forma institucional.

Tanto lideranças quanto seguidores estavam convencidos mais uma vez de que a conciliação era impossível e que agora necessitavam se livrar dos colonos e dos europeus de uma vez. A resposta para tais atos veio rapidamente. Uma centena de brancos era enforcada às vistas dos expedicionários e da sociedade branca, e milhares mais morreriam nos campos de batalha em ambos os lados. A luta é descrita sempre como furiosa, para além do comum. Por fim, os negros saíam vitoriosos e os brancos bateriam em retirada da ilha. Suas opções finais seriam morrer no Haiti ou “correr de lá” e nunca mais voltarem.

⁴⁰ JAMES, Cyril Lionel Robert . **Os Jacobinos Negros** - BoiTempo Editorial, 2016. p.326

• CONSIDERAÇÕES FINAIS

O segundo artigo da constituição haitiana é objetivo: A escravidão é abolida para sempre. Com este ponto simples e direto, pretende-se que a violência racial deixe de existir e terrores do passado não voltassem a ocorrer. O Haiti passaria (e ainda passa) por um punhado considerável de problemas e misérias, sendo hoje o país mais pobre das Américas.

Aos tempos de sua independência, porém, a vida se enchia de esperança. Por quase três séculos homens e mulheres vindos da África e seus descendentes foram postos em condições sub-humanas e tiveram que sobreviver a todo tipo de horrores. Com a independência do país, havia a certeza de que mesmo passando dificuldades, a violência dos anos anteriores não se repetiria mais.

Política, ideologias, aspirações individuais, contexto histórico, entre outras coisas, fazem parte das explicações usadas para o que motivou os acontecimentos da Revolução Haitiana. Aos historiadores é possível conectar questões para elucidar o maior número de fatos e arriscadamente traçar um panorama do que poderia ter sido diferente. É correto afirmar que muitas coisas influenciaram a revolução, porém, dessa infinidade de coisas, duas despontam como maior importância de modo antagônico: o desejo natural de liberdade contra um projeto de dominação racial.

Exercendo um papel perigoso de inserir suposições históricas baseadas no que sabemos agora, pode-se imaginar que muitas mortes poderiam ter sido evitadas se um acordo fosse possível. Isso foi pleiteado e tentado por alguns homens presentes nos dias da Revolução, como Toussaint ou Sonthonax, em determinados momentos por outros, mas nenhuma das intenções foi capaz de chegar a algum lugar por muito tempo.

O entendimento entre brancos e negros ou mulatos era situacional, na medida de tempo exata da necessidade dos colonos se utilizarem da força dos homens de cor. Mesmo leis feitas na França, que existiam para serem respeitadas, de nada valiam quando não era mais do interesse do grupo que se pretendia dominante. Hora pela revolução em curso, hora pela visão conservadora de que negros e brancos não são iguais, o respeito ao fim momentâneo da escravidão não teve aplicação. Se para

Kant⁴¹ o cidadão possui o dever moral de obedecer às leis sem perder seu juízo humano (sua razão), para a estrutura colonial que se deteriorava cada vez mais havia a obrigação moral de não obedecer às leis que tratavam homens de cor igualmente. Isso se dava na medida em que, para a psique social daqueles que lá se encontravam, não era concebível um branco se igualar ou “perder” para um negro.

Nota-se ao longo do processo até aqui descrito e esmiuçado que a violência física era apenas uma das ferramentas de controle da população cativa. Toda a estrutura científica e filosófica que servia como pilar de Saint-Domingue existia com o intuito único de inferiorizar a maior parcela da população da ilha. De tal forma era possível se retirar ganhos econômicos exorbitantes, ao custo de vidas humanas. As violências psicológicas, morais, políticas, entre outras, se enraizaram por séculos na mente daqueles colonos caucasianos. Crescendo, vivendo e morrendo como homens brancos de seu tempo, não havia saída para suas mentes que não fosse a aversão total à abolição e status de igualdade entre as três castas raciais da colônia. Era preferível que a ilha afundasse no mar, fosse tomada por estrangeiros ou uma peste purulenta varresse a colônia (como fez a febre amarela com a expedição napoleônica) do que negros e mulatos andando livremente como iguais.

O processo que se dá entre a luta contra estrangeiros espanhóis e ingleses até a independência da república negra, carrega profundas questões que são muito complexas devido à ação de agentes históricos personalistas. Sendo o objetivo do estudo a violência racial como justificativa da violência revolucionária, a ação individual dos homens notáveis do período deve ser ofuscada parcialmente, em detrimento das massas incógnitas que lhes seguiam. Dessas massas incógnitas, podemos afirmar que milhares de homens de cor e brancos se mataram em campos de batalha de 1791 a 1804 por motivos sociais muito mais fortes do que motivos políticos. Ao colono branco, rico ou pobre, era inaceitável que negros e mulatos fossem considerados iguais. Ao negro e mulato, se tornou inaceitável retornar para sua condição de “ser inferior” e escravo. Quando dois projetos ideológicos totalmente antagônicos se põem a prova é natural que um faça de tudo que estiver ao seu alcance para destruir o outro. A arma final é então a violência física, na esperança de que assassinando o corpo, a ideia desapareça.

⁴¹ **Immanuel Kant** (Prússia, 22 de abril de 1724 — Prússia, 12 de fevereiro de 1804): É considerado por muitos como o principal filósofo da Idade Moderna. Descreveu na epistemologia sínteses entre a tradição empírica inglesa e o racionalismo continental.

A influência da Revolução Francesa é extremamente relevante, principalmente por criar condições propícias para o levante de escravos. As ideologias e ambições dos homens notáveis que entraram para os livros de história são cruciais para compreender o movimento das massas. É a sociedade caribenha e sua estrutura que torna o Haiti aquilo que ele é em 1791. Dada a devida importância desses fatores, pode-se afirmar que é a violência escravagista que traz a ânsia por liberdade dos cativos. É a violência psicológica e social que dá aos mulatos o desejo por representação e voz política. É da natureza humana o desejo de se afastar da miséria, que muitas vezes vem acompanhada pela violência do sistema em que se insere. No caso de Saint-Domingue, a violência é justamente o mecanismo pelo qual a miséria é perpetuada para aqueles que nascem da “raça errada”.

Ao passo que vinganças pessoais podem não ser suficientes para resolver uma angústia, a vingança racial na colônia parecia obter resultados práticos. Foi a guerra racial que trouxe liberdade e independência ao Haiti. É infeliz para a humanidade que tal resolução pudesse ser obtida apenas através da violência e que nenhum caminho diferente tenha sido tomado para uma mesma conclusão: a igualdade racial. Derramar sangue e ceifar vidas para os oprimidos do Haiti, em nome de suas próprias vidas e de sua própria liberdade, foi uma necessidade.

BIBLIOGRAFIA

- JAMES, Cyril Lionel Robert . **Os Jacobinos Negros** - BoiTempo Editorial,2016.
- GARRAWAY, Doris L.**Tree of Liberty** - Doris Lorraine Garraway, 2008
- AMARO, José L. Cortizo. **Violência Humana: Causas y Justificación** – Autoeditado, 2014
- PIRES, Julio Manoel **O Capital escravista mercantil e a escravidão nas Américas** – Educ Fapesp, 2010
- GUTIÉRREZ, Horácio.**A escravidão na América Latina e no Caribe**–CELA, 1990
- GHACHEM, Malick W.**The Old Regime and the Haitian Revolution** - Cambridge University Press, 2012
- KLEIN,Herbert. **Escravidão Africana: América Latina e Caribe** – Editora Brasiliense 1987
- **Constituição do Haiti de 1801**
- **Constituição do Haiti de 1805**
- ARENDT, Hannah**Da Revolução**–Editora UNB, 1988
- ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**–Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001
- FANON, Frantz.**Sociologia de uma Revolução**– Groove Press, New York, 1965
- FANON, Frantz.**Os condenados da Terra**– Civilização Brasileira,1968
- DUBOIS, Laurent. **Avengers of the New World**- Harvard University, 2004
- BETHEL, Leslie. **História de América Latina vol 5** – Editorial Crítica, Cambridge University Press.
- **Code Noir** (Códigos Negros), Rei da França Luis XIV. 1685